

# "Situação do País mudou para melhor"

JOHN ALIUS

Nosso correspondente

NOVA YORK — O co-presidente de uma comissão composta por influentes empresários afirmou ontem que o futuro econômico brasileiro está assegurado, agora que o País pode superar uma "crise de confiança".

O presidente da comissão, John D. Macomber, principal executivo da Celanese Corporation, disse que com o sucesso dos empréstimos multibilionários e com outras concessões conseguidas junto à comunidade bancária mundial no mês passado, "a situação no Brasil modificou-se para melhor e pode continuar melhorando, desde que a crise de confiança possa ser superada".

"Esta crise de confiança", disse Macomber numa entrevista concedida ao Estado, "é, em grande escala, uma questão brasileira. Mas também houve uma certa falta de confiança no Brasil, tanto por parte do setor de financiamentos governamentais como privados no Exterior. A comunidade internacional demonstrou sua disposição de restaurar a confiança, como resultado dos compromissos que o Brasil assumiu com o Fundo Monetário Internacional. Caso o governo se atenha a esses compromissos, e a confiança continue aumentando, tanto em casa como no Exterior, o futuro econômico do País será bom".

Macomber, juntamente com Ro-

bert D. Hormats, vice-presidente da Goldman Sachs Investment House de Nova York, presidiu uma comissão de 26 líderes empresariais e formadores de opinião que recentemente concluíram um estudo financiado por fontes privadas e com um ano de duração a respeito das necessidades de balança de pagamentos e estabilização do comércio internacional e das necessidades de desenvolvimento econômico a longo prazo nos países do hemisfério ocidental.

O relatório da comissão, que deverá ser apresentado ao governo norte-americano, ao Congresso dos Estados Unidos e à comunidade empresarial, não trata dos problemas individuais dos países do Hemisfério, mas faz uma série de recomendações gerais:

— Os Estados Unidos deveriam fazer um esforço especial para resolver os problemas comerciais do Hemisfério ocidental e para trabalhar intimamente com os demais países da região, com a finalidade de forjar enfoques multilaterais para se reduzir os impedimentos ao comércio internacional;

— As instituições financeiras internacionais e os governos terão de fornecer maiores quantias, e uma maior participação de empréstimos de balança de pagamentos no futuro;

— Instituições financeiras privadas e governamentais deverão assegurar que o custo da reprogramação e dos novos créditos não seja excessi-

vo, e ao se determinar as taxas de juros e as comissões deve ser levada em consideração a diferenciação de risco a implementação bem-sucedida de programas econômicos corretivos;

— O Banco Norte-Americano de Exportação e Importação (Eximbank) deve ser encorajado a aumentar substancialmente os níveis das garantias e dos seguros para facilitar as exportações aos países de elevadas dívidas, como o Brasil e o México.

— A curto prazo, não existe alternativa para os empréstimos públicos e privados continuados, segundo termos que irão promover um fim da crise econômica generalizada, e as agências de regulamentação e os bancos centrais devem melhorar sua coordenação em apoio a estes esforços;

— Os Estados Unidos e os demais países industrializados devem apoiar um aumento na base de capital do Banco Mundial e um ritmo mais rápido de empréstimos para programas de adaptação estrutural.

"Um grande reabastecimento da Associação Internacional do Desenvolvimento e um financiamento adicional de programas multilaterais e bilaterais de assistência também são necessários", afirma a comissão. Segundo ela, isto se tornou necessário para "abordar a dimensão humana da crise: pobreza, doenças e fome".